

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: _____

Data: 02.10.83 Pg.: 5

JURUNA

Uma grave questão cultural

Roberto DaMatta

JÁ estamos acostumados a falar de índios como problemas que queimam a consciência e arrepiam reacionários de todos os matizes. Por quê? A resposta é simples e todos os antropólogos preocupados com as relações entre poder, cultura e democracia conhecem-na muito bem. É que até hoje o País ainda não conseguiu tratar o diferente e o estrangeiro como algo que faz parte da vida de toda sociedade moderna, continental e confiante em si mesma. De fato, se há uma lição que tenho aprendido com meus estudos sobre a sociedade brasileira, é essa incrível e virulenta incompatibilidade de raiz no que diz respeito ao tratamento do outro. Como se o exótico e o não-familiar fossem o inimigo, o criminoso em potencial, a própria subversão em figura de gente.

Assim, o diferente é sempre classificado como algo perigoso que deve ser exorcizado porque é incrivelmente superior; ou naturalmente inferior. Não sabemos e não temos nenhuma consciência da possibilidade de tratar o diferente como um igual! E aí está para todos lermos: os defensores do Deputado Mário Juruna dizendo que ele é uma criança porque é índio; e, sendo índio, é tutelado e inferior juridicamente. A intenção pode ser ótima. Mas o argumento é péssimo. Dizer que um Deputado Federal é uma criança é equivalente a aceitar a tese que o Congresso Nacional é um Jardim de Infância. É usar um canhão para matar um passarinho...

Mas esse é apenas um lado do problema.

Disse que o diferente pode ser também enquadrado como superior. Quem não se lembra do beijo na mão de Eisenhower? E se o Juruna se chamasse Jean-Jacques Larosière, tivesse ascendência, educação e um leve, mas chique, sotaque francês? Em francês, mesmo um discurso agressivo é considerado um elogio. Lembro que De Gaulle nos insultou a todos, coletiva e irremediavelmente, dizendo que não éramos um país sério (o que não é verdade: veja-se o carnaval, o futebol, o jogo do bicho, a semana da Pátria, a igreja, a umbanda, os almoços de domingo, a amizade, o jeitinho, etc...) e ninguém achou que estava sendo desonrado. Em francês e em inglês, as agressões tornam-se bênçãos. Colocam o país na órbita da "civilização". Mas em língua portuguesa com sotaque xavante, tudo muda de figura.

Por quê? Porque o índio é inferior por definição. É tutelado, é criança, tem estruturas mentais diferentes, é primitivo. Isso, sim, é insulto e desonra. Isso, sim, é que é tragédia. Isso, sim, é que é ser reacionário. E, o que é pior, ser reacionário sem saber. Pois bem, é preciso dizer com todas as letras que o Deputado Mário Juruna é muito precioso para que com ele se crie um novo caso Márcio Moreira Alves, desviando a atenção de dois problemas muito mais graves: a sucessão presidencial e as dívidas. E por que o Deputado Juruna é importante? Precisamente porque ele é o primeiro caso de um estrangeiro que ocupa uma cadeira na Câmara dos Deputados. Sendo um membro da nação Xavante, tendo sido socializado numa sociedade diferente, lendo o mundo por meio de um sistema de valores alternativos e tão bom



*Deputado-cacique Mário Juruna.
É preciso respeitar as diferenças*

quanto o nosso, o Deputado Juruna fala uma outra língua que necessariamente enquadra as coisas, as pessoas e a sociedade por um outro ângulo.

Não creio que se possa dizer nos limites de um artigo de jornal como é a sociedade Xavante, mas é bom que se diga que, entre os grupos de língua e cultura Jê (os quais eu tenho estudado como profissional), a oratória existe e os discursos são "duros". Lá também existe um Senado onde se fala seriamente sobre as questões da sociedade. Só que lá o Poder Executivo não foi deformado. E não há polícia para censurar o discurso dos outros. Não se pode realmente entender o caso do Deputado Mário Juruna sem ter esses dados em mente. Sua importância jaz exatamente no fato de que ele revela a necessidade de abrir a sociedade brasileira e o Congresso Nacional para as minorias estrangeiras, todas essas pessoas que falam uma outra língua e evidentemente podem ser mal interpretadas porque estão usando um idioma que não dominam de modo completo.

Não nego que o Deputado exagerou. Mas isso apenas nos previne da urgente necessidade de criar no Congresso um sistema de acolhimento para a língua de um dos seus membros. Está na hora de repensar, e repensar seriamente, a exclusão sumária de todos os "estrangeiros" de cargos eletivos, como se todos os "diferentes" fossem leprosos e indignos e como se patriotismo fosse uma questão de hierarquia: os nascidos no País sendo mais brasileiros do que os outros. Essa é uma noção antidemocrática e hierarquizada de Pátria. Uma noção incompatível com um Brasil contemporâneo que fala de si mesmo

por meio de muitas vozes, credos, ideologias e esperanças.

Ter um índio no Congresso é importante, porque permite que se enxergue tudo isso. Agora, já não se trata mais de simplesmente ouvir o Juruna. Temos que ouvi-lo na sua própria língua e de acordo com seus próprios conceitos. Se todos os membros de elite brasileira desfrutam de tantas benesses, porque não se consegue um tradutor para que se possa ter finalmente um Congresso Nacional pluralista? Um Congresso que comece a discutir a questão da igualdade?

Para mim, situar o caso como uma troca de insultos e ofensas, é desviar a atenção de problemas maiores e mais profundos.

Espéro, portanto, que tanto os membros do Poder Executivo que se sentem ofendidos, quanto os membros do Poder Legislativo que têm a obrigação de defender o Deputado Juruna possam ver além do mero insulto para compreender que temos aqui uma grave questão cultural. Há uma diferença de língua e de cultura. Há uma diferença de estilo parlamentar. E há também uma diferença de modalidades de exercer o poder. Mas, por trás de tudo isso, está enterrada a questão gravíssima de uma sociedade que é profundamente antiigualitária, uma sociedade que tem horror do diferente e do estrangeiro. Uma sociedade, enfim, que para minha triste surpresa, é muito mais reacionária do que eu pensava...

Roberto DaMatta, antropólogo, é professor do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional — UFRJ.